

Estética do cotidiano e interculturalidade: uma experiência na pós-graduação

Mariana Lopes Junqueira¹, Jesse da Cruz², Joanna Oliari Macoppi³, Carla Carvalho⁴

Resumo

Este estudo objetiva partilhar um relato de experiência que relacionou os temas Estética do Cotidiano e Interculturalidade. A proposta foi realizada na disciplina optativa Arte e Estética na Educação, em um programa de pós-graduação em educação de uma universidade catarinense. A proposta elaborada como parte das atividades do componente curricular foi organizada pelos acadêmicos do curso. Foi proposta, como aporte teórico, a discussão acerca da Estética do Cotidiano na Educação relacionada ao conceito de Interculturalidade. O intuito foi aliar teoria e prática em propostas que envolvam a arte e a estética. A experiência levou os participantes ao diálogo e à reflexão. Observou-se, assim, a relevância do tema nos currículos escolares, na universidade e da responsabilidade social de reconhecer e agregar toda forma de expressão cultural nas vidas dos acadêmicos na área da educação.

Palavras-chave

Interculturalidade. Estética do cotidiano. Multiculturalidade. Universidade.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil; supervisora de disciplina no Centro Universitário Leonardo da Vinci, Santa Catarina, Brasil; integrante dos grupos de pesquisa Música e Educação (MusE) e Arte e Estética na Educação. E-mail: marianalopesjunqueira@gmail.com.

² Mestrando em Educação na Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil; professor na Universidade de Brusque e na Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil; integrante do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação. E-mail: jesseacruz@bol.com.br.

³ Graduada em Artes pela Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: joliari@gmail.com.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Brasil; professora na Universidade Regional de Blumenau; líder do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação. E-mail: ca_carvalho@icloud.com.

Aesthetics of everyday life and interculturality: an experience in post-graduate studies

Mariana Lopes Junqueira⁵, Jesse da Cruz⁶, Joanna Oliari Macoppi⁷, Carla Carvalho⁸

Abstract

This study aims to share an experience report that related the themes Aesthetics of Everyday Life and Interculturality. This proposal was carried out in the elective discipline Art and Aesthetics in Education, in a post-graduate program in education, from a university in the state of Santa Catarina, Brazil. The proposal elaborated as part of the activities of the curricular component was organized by the academics of the course. It was proposed as a theoretical contribution the discussion about the Aesthetics of Everyday Life in Education related to the concept of Interculturality. The aim was to combine theory and practice in proposals involving art and aesthetics. The experience led the participants to have a dialogue and to a reflection. It was observed the relevance of the theme in school curriculum, in the university, and the social responsibility of recognizing and aggregating every form of cultural expression in the lives of the university students in the area of Education.

Keywords

Interculturality. Aesthetics of everyday life. Multiculturality. University.

⁵ PhD student in Education, Santa Catarina State University, Brazil; subject supervisor at the Leonardo da Vinci University Center, Santa Catarina, Brazil; member of the research groups Music and Education (MusE) and Art and Aesthetics in Education. E-mail: marianalopesjunqueira@gmail.com.

⁶ Master degree student in Education, Regional University of Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil; professor at the University of Brusque and the Regional University of Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil; member of the Research Group Art and Aesthetics in Education. E-mail: jesseacruz.cruz@bol.com.br.

⁷ Graduated in Arts, Regional University of Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: joliari@gmail.com.

⁸ PhD in Education, Federal University of Paraná, State of Paraná, Brazil; professor at the Regional University of Blumenau, State of Santa Catarina, Brazil; leader of the Art and Aesthetics in Education Research Group. E-mail: ca_carvalho@icloud.com.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país que possui um extenso território e, conseqüentemente, intensa diversidade de culturas. Apesar dessa diversidade, em Santa Catarina, que foi colonizada majoritariamente por imigrantes europeus, pouco se fala dos que aqui já se encontravam, como os nativos indígenas Kaingang, Xokleng e Botocudos, além dos Quilombolas. Ao falar-se no território catarinense, mantém-se, no discurso, certa hegemonia da tradição europeia com características estéticas e padrões por vezes congelados na memória.

Nas escolas e em algumas universidades, muito pouco ou nada se aborda sobre os que já estavam aqui antes dos colonizadores europeus. São poucas as iniciativas para se conhecer as culturas dos diversos imigrantes que vieram de outros países e das demais regiões do país. Conforme Richter (2003, p. 17), “as relações culturais supõem relações de poder, desigualdades, contradições, e de que todas as modalidades de transmissão de cultura implicam, portanto, algum poder de dominação”.

Diante disso, fazem-se necessárias discussões e ações sobre a igualdade de oportunidades e o reconhecimento de diferentes grupos culturais, para ampliar, assim, a discussão dos direitos humanos, para que eles se tornem coletivos, culturais e ambientais (CANDAU, 2008). A autora afirma que uma questão fundamental na discussão sobre igualdade de oportunidades para os diferentes grupos culturais é a tensão presente entre igualdade e diferença. Busca-se a igualdade para todos, independentemente de questões raciais, de nacionalidade e de gênero, tornando-se uma luta pelos direitos humanos. No entanto, atualmente, parece que esse interesse pela igualdade sofreu um deslocamento, em que tem se discutido a diferença; busca-se a diferença como um direito, “não só o direito dos diferentes a serem iguais, mas o direito de afirmar a diferença” (CANDAU, 2008, p. 47).

Dessa forma, a discussão sobre a igualdade de oportunidades e o reconhecimento de diferentes grupos culturais é fundamental na educação brasileira, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, para que as diversas culturas sejam conhecidas, respeitadas e valorizadas, dando voz aos diversos grupos étnicos. Nesse sentido, é preciso desconstruir a fala de “cultura primitiva”, em formato pejorativo. Segundo Sorell (1967 *apud* CAMARGO, 2013), essa cultura não possui técnica, mas sua ordem, em seus diferentes manifestos, como a visual, a dança, a cênica, estabelece outras conexões capazes de exprimir todas as suas sensações e emoções.

Diante da discussão sobre a relevância de se conhecer as diversas culturas, tecemos este relato de experiência. Em uma universidade de Santa Catarina, no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, foi desenvolvido um seminário com o tema: Estética do Cotidiano e Interculturalidade, na disciplina Arte e Estética na Educação. A disciplina foi dividida em vários temas relacionados à arte e à estética⁹, de forma que, a cada aula, os mestrandos, em um total de 14, que, inicialmente, foram subdivididos em grupos com 2 ou 3 estudantes, orientados pelo tema e pelos artigos científicos pré-estabelecidos na ementa da disciplina, foram provocados a tecer relações entre teoria e prática. Para isso, eles elaboraram vivências para que pudessem discutir e refletir o tema proposto. Esse tema foi embasado no texto de Richter (2003), pré-estabelecido pela ementa da disciplina, e em Candau (2008), leitura complementar sugerida pelo grupo para ampliação da discussão.

Estética do Cotidiano, para Richter (2003, p. 20), subentende,

além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e de transformação.

Diante desse conceito, vimo-nos provocados a pensar a vida dos estudantes e as questões interculturais, pois, nesse grupo do Mestrado, essa é uma questão que permeia as discussões cotidianas. Sentimo-nos provocados a relacionar a Estética do Cotidiano ao conceito da Interculturalidade, conceito abordado também por Richter (2003). Assim sendo, questionamo-nos: Será que o tema Interculturalidade é trabalhado nas escolas? Será que os estudantes são conscientes de suas diferenças? Essa é uma das justificativas para trabalharmos esse tema, visto que, conforme Neitzel e Carvalho (2016, p. 238), “não podemos praticar aquilo que não faz parte do nosso repertório”. Desse modo, os professores não irão trabalhar a Interculturalidade se ela for desconhecida por eles. A importância de conhecer outras culturas, segundo Richter (2003, p. 16-17), é que “ao olhar para outras culturas, também o(a) observador(a) altera e renova sua própria visão do mundo e das coisas”.

⁹ Conforme Duarte Jr. (2001, p. 13), a palavra estética vem da palavra grega *aisthesis*, que é a “capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado”. As palavras estética e estesia derivam da palavra *aisthesis* e significam a capacidade sensível do ser humano de perceber e organizar estímulos que alcançam o seu corpo. A estesia está, portanto, ligada à sensibilidade do sujeito de apreender sinais emitidos pelas coisas e por ele mesmo (DUARTE JR., 2001). A modernidade que vivemos atualmente nos serve como facilitadora, mas também faz com que vivamos anestesiados. A anestesia é o contrário da estesia, é a incapacidade de sentir. Nesse sentido, para o autor, quanto mais nos educamos sensivelmente, menos anestesiados ficamos.

Conforme Candau (2008), o multiculturalismo nasceu das lutas de grupos sociais discriminados e excluídos, cujos movimentos sociais ligados às questões étnicas, dentre os quais podem ser destacados os relacionados às identidades negras, constituem o lócus de produção do multiculturalismo. O multiculturalismo veio adentrar as academias somente mais tarde, sendo sua integração ainda frágil por uma questão de sistematização conceitual e relação com a pesquisa.

Candau (2008) aborda três perspectivas multiculturais: multiculturalismo assimilacionista; multiculturalismo diferencialista ou plural; e multiculturalismo interativo ou interculturalidade. O multiculturalismo assimilacionista parte do princípio de que vivemos em uma sociedade multicultural, na qual não existe igualdade de oportunidades, pois nem todos têm acesso aos mesmos serviços, bens e direitos. Dessa forma, a política assimilacionista faz com que todos se integrem na sociedade, mas a uma cultura hegemônica, na qual se tenta construir uma cultura comum, de modo que os grupos subordinados possuam seus dialetos, seus saberes, suas línguas, suas crenças e seus valores deslegitimados (CANDAU, 2008).

Já o multiculturalismo diferencialista, segundo a autora, “parte da afirmação de que, quando se enfatiza a assimilação, se termina por negar a diferença ou por silenciá-la” (CANDAU, 2008, p. 50). Assim, essa abordagem parte da ideia de enfatizar o reconhecimento da diferença, garantindo a expressão de diferentes identidades culturais. Alguns adeptos dessa abordagem acabam adquirindo uma visão estática e essencialista das identidades culturais, formando, dessa maneira, comunidades culturais homogêneas.

Em se tratando do multiculturalismo interativo ou interculturalidade, ele é considerado por Candau (2008) o mais adequado para que as sociedades se tornem democráticas, inclusivas, com articulação entre políticas de igualdade e políticas de identidade. A Interculturalidade “concebe as culturas em contínuo processo de elaboração, de construção e reconstrução” (CANDAU, 2008, p. 51). A autora afirma que:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAU, 2008, p. 52).

Diante do exposto, precisamos pensar em uma educação intercultural na qual, segundo Candau, precisa haver uma desconstrução, pois “para a promoção de uma educação intercultural é necessário penetrar no universo de preconceitos e discriminações que impregna – muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil – todas as relações sociais que configuram os contextos em que vivemos” (CANDAUI, 2008, p. 53).

Para que a educação intercultural se torne uma realidade, faz-se necessária a adoção de algumas medidas como: promover o conhecimento e romper com os pré-conceitos que se tem em relação aos diferentes grupos socioculturais; o questionamento do caráter monocultural presente nos currículos escolares e dos critérios utilizados para a seleção de seus conteúdos; a articulação entre igualdade e diferença nas políticas educativas e práticas pedagógicas, na qual aconteça o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, dos diversos saberes e práticas, garantindo o direito à educação de todos. Nesse sentido, concordamos com a autora, que nos provoca a pensar sobre relação entre igualdade e diferença:

Reconstruir o que consideramos “comum” a todos e todas, garantindo que nele os diferentes sujeitos socioculturais se reconheçam, assegurando, assim, que a igualdade se explicita nas diferenças que são assumidas como referência comum, rompendo, dessa forma, com o caráter monocultural da cultura escolar. (CANDAUI, 2008, p. 53).

Outra medida a ser adotada, segundo a autora, é o resgate de processos de construção de identidades culturais pessoais e coletivas, que tenha como elemento fundamental as histórias de vida e de construção de diferentes comunidades socioculturais. Nesse sentido, Candau (2008) aborda a necessidade de se promoverem experiências de interação sistemática com os outros, por meio das quais possamos experimentar uma intensa interação com diferentes modos de viver e de se expressar, podendo, dessa forma, relativizar a maneira de nos situarmos no mundo, atribuindo-lhe sentido.

O encontro: momento intercultural para pensar a estética do cotidiano

Após a leitura do texto de Richter (2003), *Multiculturalidade: uma policromia dinâmica*, que conduzia o tema, sugerimos, para a turma de 14 mestrandos que cursou a disciplina, a leitura de mais um texto complementar – *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença* (CANDAUI, 2008). Assim, pensamos o encontro de forma

que fosse permeado pelo tema central, desde o deslocamento para o local do encontro até o momento do café¹⁰.

Duas semanas antes desse encontro, elaboramos uma carta que encaminhamos a todos os acadêmicos participantes, via correio, de forma tradicional, pensando na identidade, na individualidade e na cultura da comunicação por cartas que teve grande importância durante a história da humanidade. Segundo Soligo (2007, p. 327),

carta não é, portanto, o “escrito, fechado em envelope, que se dirige a alguém”, tal como aparece numa das definições do dicionário, mas o texto – aquele que escrevemos uns aos outros, quando queremos falar sobre o que estamos fazendo, o que estamos pensando, o que estamos vivendo.

Assim sendo, encaminhamos a carta pelo correio tradicional para provocar a memória socioafetiva. A ideia da carta era sugerir um formato menos atual do envio de mensagens, utilizando a tecnologia, que nos retira, por muitas vezes, a sensibilidade do contato, do afeto, estimulando, assim, um sentimento de nostalgia à grande maioria das pessoas do grupo que já haviam vivenciado esse fato em outros tempos.

Na carta postada, havia códigos, informações e solicitações, pedindo que os participantes (estudantes matriculados na disciplina aqui relatada) viessem vestidos de sol (roupas claras), que trouxessem uma xícara e um pedaço de retalho de tecido de sua preferência, que tivessem uma relação afetiva com eles, que não fossem uma xícara e um tecido quaisquer. Vestidos de sol foi uma analogia que construímos para que os mestrandos pudessem vir com roupas claras, porque nosso encontro foi em uma sexta-feira, uma alusão às religiões de Matriz Africana que homenageiam, nas sextas-feiras, o Orixá Oxalá, cuja função é a de criador, da divindade do povo. A roupa branca, segundo as tradições do povo Iorubá¹¹, significa (re)existência.

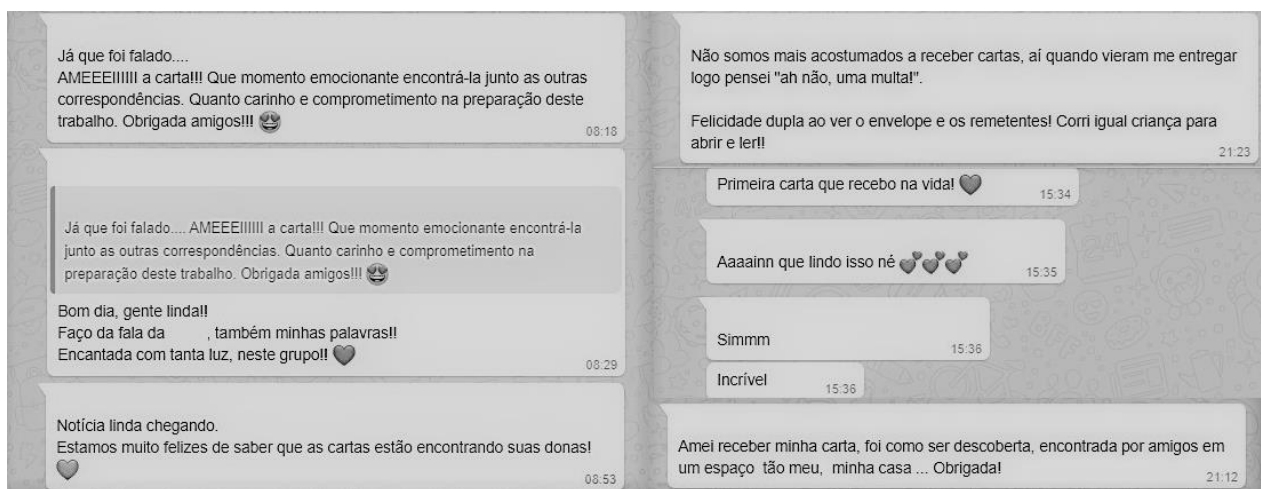
Para darmos uma qualidade na perspectiva de identidade, ao longo das duas semanas que antecederam nossa prática, enviamos, por meio de um grupo de mídia social de mensagem instantânea com os integrantes da disciplina, imagens e textos relacionados ao tema. O

¹⁰ A disciplina foi ministrada no primeiro semestre de 2018, de forma quinzenal, sendo o café uma proposta sugerida pela docente da disciplina para que pudéssemos também criar um processo de diálogo entre tema, ações corporais, discussões durante o café, não havendo, assim, uma interrupção no meio do encontro. Nosso café também trouxe elementos interculturais que iremos abordar e apresentar neste texto, para enfatizar a memória corporal e as relações étnicas e suas relações interculturais.

¹¹ Grupo Étnico Africano trazido às novas terras *Brasilis* em forma de escravos; grupo que possui características culturais (linguísticas, religiosas...) em comum, que deixaram legados inumeráveis para nossa cultura Afro-Brasileira.

objetivo era gerar uma expectativa para o nosso encontro, assim como pontos de leitura para que os participantes fossem se familiarizando com o tema proposto. Esses textos pincelaram nossos objetivos como também geraram uma expectativa no grupo, sobre o que aconteceria em nosso encontro. Não comentamos com os participantes sobre as cartas enviadas. Desse modo, esperamos até que o grupo se manifestasse, ocasionando uma ansiedade em nós, mediadores do tema, uma vez que não sabíamos se o grupo havia recebido a carta. Contudo, conforme os relatos das imagens da Figura 1, as cartas foram chegando e criando vida também:

Figura 1 – Relatos sobre as cartas



Fonte: Acervo dos autores (2018).

Os relatos sinalizam o quanto nossa escolha foi acertada, com a prática quase inutilizada nos dias de hoje, de enviar uma carta pelo correio. Para nossa surpresa, em nosso grupo, havia uma pessoa que nunca havia recebido uma carta. Ainda em uma ideia não só de instigar, mas também de compartilhar, construímos uma *playlist* em um aplicativo de música em *smartphones* (*Spotify*¹²) com sugestões musicais que expressam a diversidade cultural. Nossa intenção era que cada um tivesse contato com as letras e as harmonias que foram indicadas, criando, assim, um ambiente emocional particular do que viveríamos no coletivo quando nos encontrássemos. Selecionamos um repertório musical, que no dia do encontro, relacionaria de uma maneira mais sensível o aporte teórico estudado.

¹² Serviço de música digital.

Uma experiência intercultural na universidade

Após duas semanas de mensagens e provocações, chegou o dia do nosso seminário. No dia 4 de maio de 2018, data do nosso encontro, que iniciou na sala onde quinzenalmente nos encontrávamos, realizamos uma fala introdutória sobre o tema. Com o intuito de sublinhar cada ação performática que escolhemos, os integrantes do grupo realizaram uma encenação sobre o preconceito que as mulheres ainda sofrem nas escolas de samba, pois não podem tocar certos instrumentos musicais, que são destinados somente aos homens. Distribuímos uma vela para cada mestrando, que foi acesa e colocada no fundo da xícara que cada um trouxe. Isso enfatizou o uso da vela como meio de prece, força, persistência em alusão à devoção, alicerçada pela colonização cristã que o Brasil teve durante a colonização, refletindo o sincretismo¹³ religioso ocasionado pela enorme opressão às outras culturas religiosas, de grupos subalternizados pelos Europeus como as religiões e deuses Africanos e Nativos Indígenas.

Preparamos trechos dos textos que serviram de referência para o nosso tema, em forma de pergaminhos. Em alguns momentos do percurso, esses textos foram entregues aleatoriamente para as pessoas lerem em voz alta, relacionando o processo ritualístico que preparamos, transformando as referências de leitura em um momento de interação do grupo com o processo, respeitando a identidade para que pudéssemos falar sobre a Interculturalidade e a Estética do Cotidiano que nos acompanha, nos constitui.

Nesse momento, uma integrante do grupo, tocando a alfaia¹⁴, conduziu o grupo para a outra sala em procissão¹⁵. Os demais mestrandos a acompanharam cantando cantigas¹⁶ da cultura popular brasileira, conforme as imagens da Figura 2.

¹³ É a absorção de um sistema de crenças por outro, sendo a fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova, seja de caráter filosófico, cultural ou religioso.

¹⁴ Instrumento musical da família dos membranofones, a exemplo, também, do tambor.

¹⁵ Ritual religioso com objetivo de expressar pública e coletivamente um culto à divindade a qual se destina. Desde a antiguidade, é realizado entre os pagãos, mas foi na Idade Média que teve sua ascensão, como ritual cristão (ANDRADE, 2009).

¹⁶ “Mulher Rendeira”, de Cida Moreira; “Cirandeiro”, de Edu Lobo; e “Canto indígena Krão”, arranjo de Marcos Leite.

Figura 2 – Procissão



Fonte: Acervo dos autores (2018).

Ao chegar no espaço destinado à atividade, tecemos algumas instruções: tirarmos os sapatos ao entrar na sala em sinal de respeito – uma vez que escolhemos encenar uma *performance* ritualística – e sentarmo-nos em roda no centro da sala. A sala destinada às disciplinas do curso de Graduação em Teatro e Dança, é pintada de preto, o que auxiliou a história que seria encenada por nós. Preparamos todo o ambiente com velas, dispostas no chão, utensílios, frases e desenhos sobre o tema, um espaço para o café com uma toalha de renda, e um figurino no centro do círculo, que foi utilizado por um dos integrantes mediadores para dialogar um pouco sobre a subalternização, opressão, discriminação e invisibilidade da cultura afro-brasileira.

Um dos integrantes do grupo acendeu velas que estavam dispostas na sala e cantou “Como é lindo o canto de Iemanjá” (Umbanda), uma cantiga em homenagem a um orixá das religiões de matriz africana. Enquanto isso, o restante do grupo tocava instrumentos de percussão com sonoridades que remetiam ao mar. O integrante vestiu-se de Iemanjá¹⁷, fazendo referência às manifestações da cultura religiosa africana. Com sua *performance* em dança, conforme a imagem da Figura 3, o integrante do grupo entregou um espelho para que todos pudessem olhar para a sua imagem refletida. Os instrumentos de percussão também foram passados pelo

¹⁷ Iemanjá – rainha de todas águas – é a mãe de todos os filhos, mãe de todo mundo. Assim, Iemanjá é o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é um espelho para o filho, um exemplo de conduta. Disponível em: <https://ocandomble.com/os-orixas/yemonja/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

grupo, para que todos tocassem e se sentissem instigados a participar efetivamente daquele momento. Os provérbios africanos foram enfatizados e relacionados às ações que, hoje em dia, fazemos, mas que só fazemos ou produzimos pela colonização também da cultura afro no Brasil.

Figura 3 – Dança



Fonte: Acervo dos autores (2018).

O grupo foi separado em duplas. Após, realizamos uma dinâmica em que cada um deveria tocar uma parte do seu corpo que não gostava; depois, tocar na mesma parte do corpo do outro membro da dupla. Em seguida, as duplas foram trocadas e cada um tinha de tocar, no seu próprio corpo, a parte que mais gostava; e, depois, tocava na mesma parte do corpo de sua dupla. Foi trabalhado, nesse momento, a questão do ideal de beleza, do ideal tido como perfeito, hegemônico, que fomos construindo durante a colonização. Após isso, as duplas foram trocadas novamente. Cada um contou para sua dupla um pouco do seu percurso, e como chegou ao Mestrado. Todos, muito entregues à dinâmica, expressaram suas sensações, permitindo que a riqueza do momento dominasse aquele espaço-tempo.

As velas foram, então, sendo apagadas uma a uma. Cantamos juntos a canção de ninar “Boi da Cara Preta”, um cântico da cultura popular no qual se faz alusão ao negro ainda escravizado. “Cara Preta” proporciona-nos o medo, o feio, mas, mesmo assim, é uma cantiga que aprendemos e ouvimos quando uma criança é colocada para dormir. Todos se deitaram no chão e relaxaram por um momento. Ainda seguindo a ideia de cumprimento de um ritual, abrimos as janelas, para deixar a luz do sol entrar na sala. Começamos a desejar bom dia para as pessoas em uma alusão que o dia estava amanhecendo. Cantamos e tocamos a música

“Cordeiro de Nanã”, do compositor Mateus Aleluia, que foi dançada por todo o grupo como uma celebração do momento que experienciamos.

Ainda cantando, fervemos a água e preparamos o café no coador de pano, que inundou a sala com seu aroma particular. Aguçamos, assim, a memória afetiva da infância, da casa da família. Os integrantes do grupo encenaram uma fala sobre o cabelo e os estereótipos do cabelo ideal, principalmente como está interligado ao cabelo crespo ou de característica afro-brasileira, conforme discute Gomes (2012, p. 2):

O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também visto, nos espaços onde foi realizada a pesquisa, no sentido de uma revalorização, o que não deixa de apresentar contradições e tensões próprias do processo identitário. Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil.

Ainda falando sobre o cabelo, Gomes (2012) costura um olhar do senso histórico e crítico, no qual o cabelo do negro, na sociedade brasileira, expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país.

É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2012, p. 3).

Com a encenação, produzimos, portanto, uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O autor continua a nos provocar:

O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária. (GOMES, 2012, p. 3).

Nesse momento, percebemos uma colega que, rapidamente, amarrou seus cabelos crespos. Abrimos, então, para uma discussão sobre o estereótipo da beleza, que vivemos atualmente. Nesse instante, nosso café foi servido com comidas de diferentes regiões: *strudel* (sobremesa tradicional austríaca); banana (fruta tropical); tapioca (farinha extraída da mandioca pelos nativos com o Tipiti¹⁸); canjica (goma extraída da mandioca pelos nativos por meio do Tipiti); caldo de cana (regionalismo brasileiro); pão de queijo (comida produzida pelo escravo com leite azedo); pé de moleque (doce original da culinária brasileira); pão com ovo frito na hora (para isso, levamos um fogareiro).

No centro do espaço preparado para nosso café, havia uma placa que trazia um dos conceitos trabalhados em nosso encontro: “valor estético”. Para Richter, valor estético está relacionado

com o prazer que o ser humano experiencia no simples olhar a natureza ou para objetos fabricados; o prazer em ouvir a canção dos pássaros ou uma música; em sentir um pedaço de madeira ou a textura da lã; em arrumar uma mesa atrativa ou um canteiro de flores. [...] quando a experiência estética vem a nós nesses exemplos familiares da vida diária, não precisa explanação ou justificativa, não precisa razões. Ela é simplesmente boa, como respirar ar puro. (RADER; JESSUP, 1976 *apud* RICHTER, 2003, p. 23-24).

A autora ainda aborda que a experiência estética envolve mais do que o simples prazer, ela pode provocar a mente e o espírito do sujeito, pois se relaciona com outros interesses, outras experiências e outros valores. Para Larrosa (2016), experiência é o que nos passa, nos acontece, nos toca e nos transforma. Assim, “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que nos acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2016, p. 25). E, ainda,

a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade. Por isso, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa. (LARROSA, 2016, p. 48).

A experiência, para Larrosa (2016), é única, singular, e não pode ser repetida ou reproduzida, como se fosse uma receita. Assim, uma pessoa não pode impor sua experiência à outra. Por isso, duas pessoas podem passar por um mesmo acontecimento e terem experiências diferentes. Para que aconteça, a experiência

¹⁸ Cesto cilíndrico de palha em que se põe a massa de mandioca para ser espremida pelos nativos indígenas.

requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2016, p. 25).

No momento de partilha do café, dialogamos sobre os textos e sobre o momento que compartilhamos até ali. Conversamos sobre todo o percurso relacionado aos textos que lemos. Explicamos o significado de cada utensílio, representação e *performance* que fizemos durante o percurso. O grupo expressou como foi nosso encontro, e as experiências que tiveram, desde a emoção de receber uma carta em casa, de lembrar como era enviar e receber cartas, até a sensação de receber a primeira carta. O grupo também relatou sobre as provocações realizadas, e como essas provocações geraram expectativas para o encontro e uma reflexão sobre o tema antes mesmo do encontro acontecer.

Dialogamos sobre como foi conhecer um pouco sobre as outras culturas, como foi pensar em uma parte do corpo que mais gostava e uma que não gostava. Houve aqueles que apontaram uma parte do seu corpo que não gostavam, mas que, para sua dupla, essa parte era valorizada. Ainda houve os que não conseguiram apontar nenhuma parte do corpo que não gostavam, porque se amavam por inteiro. Isso nos levou a pensar na beleza de se estar em paz com o amor próprio.

Algumas pessoas se identificaram na encenação do cabelo, uma vez que foram ensinadas a sempre deixarem os cabelos bem presos, porque não tinham cabelos lisos. Discutimos também a importância de conhecer diferentes culturas, principalmente aquelas que não ganham espaço nas universidades e nas escolas. Diante da nossa discussão, uma frase ficou bem marcada sobre o tema: “temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 2006, p. 462 *apud* CANDAU, 2008, p. 49).

Após esse momento de reflexão, cada um mostrou sua xícara e contou o motivo de sua escolha. Cada um tinha uma história muito significativa sobre ela, uma experiência com aquela xícara. Denominamos esse momento de “caféto” – nada mais simbólico do que fazer a junção das palavras café e afeto, após tantas demonstrações de identidade e de memória. A

xícara ilustrou, de alguma forma, a ideia da diversidade e de como nos reconhecemos peculiares e importantes no coletivo.

A construção da colcha de retalhos, com os tecidos que cada um trouxe, foi a finalização do nosso seminário. Conforme Richter (2003, p. 13), “nós, brasileiros(as), somos assim, formados(as) por uma colcha de retalhos étnicos e raciais”. Dessa forma, o retalho de cada um compôs uma colcha que representasse o grupo. Foi decidido deixar espaços em branco, para cada um poder assinar depois de pronta, deixando, assim, sua marca, um pouco de si no outro e levando um pouco do outro em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivermos seminários como este detalhado aqui é um movimento valoroso dentro da Universidade, porque nos preenchem de humanidade e não somente de teoria, fazendo (co)relacionar a pesquisa escrita a uma pesquisa afetiva corporal. Cada olhar, cada colaboração, cada sujeito que se expôs, atravessou a coletividade que nos compôs e extrapolou nossas expectativas como grupo, pela sua singularidade.

Esse encadeamento que se deu na execução do trabalho nos aproximou das leituras realizadas. Reavaliamos, então, nossas condutas ao (re)conhecermos novas culturas, ou cultura de outros, e pensarmos nas formas que elas se relacionam e inter-relacionam, transpondo para a Interculturalidade. Nesse sentido, fomos mais do que convidados a ficar frente a frente com nossas origens, revisitar nossas crenças, rever nossas defesas, apreciar ou reorganizar nossas atitudes diante da expressão do outro. Desvendamos, com essas relações e compreensões, que nossas ações corporais do dia-a-dia, corriqueiras, do senso comum estão ligadas diretamente a essas teias que se conectaram durante a construção do Brasil.

O tema que escolhemos foi oportuno tanto para nos posicionarmos diante de uma sociedade que vive a mercê dos seus preconceitos, como também para replicar antigos costumes que reproduzimos sem pensar, fazendo-nos refletir sobre a importância de todas essas culturas e valorizar e não mais subalternizar uma a outra. Será que há uma cultura melhor que a outra? Existe alguém órfão culturalmente? Como aprendemos a ter preconceito com nós mesmos, seja pelo cabelo ou por questões estéticas não hegemônicas? Por que continuamos a invisibilizar culturas que compõem a nossa? São questões que vão nos revirando por dentro e modificando nosso jeito de observar, enxergar, agir e, principalmente, pesquisar.

A partir desse encontro, refletimos sobre a importância de que essas vivências não fiquem restritas apenas ao Ensino Superior. Essas vivências, ao serem experienciadas nesse âmbito, possibilitam ressonâncias na Educação Básica, uma vez que, conforme mencionamos anteriormente, só praticamos o que faz parte do nosso repertório (NEITZEL; CARVALHO, 2016). Assim se faz necessário que, desde a Educação Básica, as diferenças culturais sejam vivenciadas, para que se quebre a hegemonia cultural imposta e para que as diferenças possam ser respeitadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **Tolerar é pouco?:** pluralismo, mínimos éticos e práticas pedagógicas. Petrópolis: De Petrus et Alii, 2009. 216 p.

CAMARGO, G. G. A. (org.) **Antropologia da dança I.** Florianópolis: Insular, 2013.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008. Doi: 10.1590/S1413-24782008000100005.

DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba: Criar edições, 2001.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. Estética e arte na formação do professor da educação básica. In: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (org.). **Mediação cultural, formação de leitores & educação estética.** Curitiba: CRV, 2016. p. 231-251.

RICHTER, I. M. Multiculturalidade: uma policromia dinâmica. In: RICHTER, I. M. (org.). **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.** Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 13-36.

SOLIGO, R. Venho por meio desta... In: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (org.). **Porque escrever é fazer história:** revelações, subversões e superações. Campinas: Alínea, 2007. p. 323-361.

Submetido em 23 de janeiro de 2019.

Aprovado em 26 de julho de 2019.